

PAISAGENS DO SERTÃO: MEMÓRIA E DESCRIÇÃO ETNOGEOGRÁFICA

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA RODRIGUES

Profa. Dra do Departamento de Geografia da UFPB

e-mail: fatimarodrigues@geociencias.ufpb.br
mfatima@openline.com.br

Os debates acerca do trabalho de campo têm ocupado lugar de destaque, no âmbito das ciências humanas. Das questões éticas aos procedimentos que possibilitam a realização de uma boa etnografia as discussões, relativas a esta temática, oscilam.

Vale destacar que foi no rastro de um conjunto de trabalhos de campo realizados com a finalidade de fundamentar a pesquisa que deu origem a tese de doutorado “Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença”¹, que este ensaio foi escrito. Para realização da pesquisa anteriormente mencionada, uma série de leituras contribuíram para a definição dos roteiros propostos. Estas leituras remetem ao processo de formação territorial do Brasil e situam-se, especialmente, no campo da história econômica, da geografia, da antropologia e da literatura, merecendo registro algumas literaturas cujo eixo central é o relato de experiências vividas no campo por viajantes, geógrafos e antropólogos². Foi a partir das experiências relatadas por profissionais de formações diversas e especialmente por estudiosos deste tema que defini, para esta fase da pesquisa, os procedimentos metodológicos a serem utilizados. Quanto à escolha dos lugares a serem pesquisados, parti das experiências históricas que os qualificam enquanto sertão, mas também das suas representações comumente presentes na literatura erudita, na literatura de cordel, na fotografia e no cinema. A partir da observação e do registro de elementos reconhecidos como integrantes da cultura sertaneja, defini os roteiros e os procedimentos metodológicos³ que considere necessários ao bom andamento da pesquisa em seu todo. Todos os lugares escolhidos guardam um referencial comum. Foram eles pontos de passagem ou entroncamentos: lugares onde se realizam ou se realizavam feiras do gado e vaquejadas e por onde, tendo à sua frente os tangerinos e vaqueiros, passavam os grandes rebanhos bovinos em busca de novos mercados, daí a denominação *Caminhos do Gado*.

A partir do trabalho de campo realizado nos cariris paraibanos, em campina Grande e no Ceará, bem como das leituras que fiz tomando como pressuposto o processo de formação territorial do Brasil, estabeleci um roteiro de viagem mais amplo, abrangendo informações de natureza geral que dizem respeito à cultura e à paisagem sertaneja. Este roteiro por mim proposto considerava, inicialmente, trechos dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia, Piauí e Ceará. Em decorrência de dificuldades técnicas, deixamos⁴ de percorrer o trecho de Petrolina-Pe a Oeiras- Pi⁵.

Quanto à demarcação, “lugares de parada” e “lugares de passagem”, essas denominações, diante dos imprevistos com os quais nos deparamos, em alguns casos, inverteram-se. Uns transformaram-se em

pontos de paradas e outros em pontos de passagem. Vale salientar que o acervo documental e as experiências vividas ao todo no trabalho de campo, constituiu-se num legado a pesquisa. No decorrer da viagem, mantivemos contatos com grupos sociais e instituições diversas, como também, vivenciamos situações que nenhuma leitura poderia oportunizar. O roteiro percorrido, totalizou 3.200 Km. Quanto ao tempo decorrido, este compreendeu o período de 19 a 29 de junho de 1998. Colocados os pressupostos que fundamentaram, em seu todo, a realização do trabalho de campo, segue-se o relato de um dos pontos de parada do trabalho de campo “pelos sertões”. Trata-se do contato com a da tribo Truká na Ilha de Assunção, Cabrobó-Pe.

“Cabrobó” significa, etimologicamente, “mato ou árvore de urubu, ou lugar de cobras negras”. O município está localizado na microrregião de Petrolina – mesorregião do São Francisco Pernambucano. A cidade se situa à margem esquerda do rio S. Francisco, a 325 metros de altitude. O povoamento de Cabrobó começou com o aldeamento de Assunção, cujas origens assentam-se nos Cariris.

“Não se tem certeza sobre a fundação da aldeia de Assunção, sendo como data citada o ano de 1722, tendo sido uma obra dos missionários católicos. No entanto pelo que lemos em Prata (1952) e Nantes (1952), a data provável recuaria ao final do século XVII, pois os Carmelitas entregaram suas missões aos Capuchinhos em 1701 e Nantes faz referência a fundação de um aldeamento na ilha do Pambu.

(...)

Galvão (1908:38) ao escrever o verbete sobre a ilha diz que a aldeia de Assunção tomou esse título em 1722 e que foi constituída em vila no ano de 1761. As esparsas informações encontradas sobre as décadas seguintes apontam, segundo o autor, para a diminuição de sua população (em 1716, possuía mais de 100 fogos e mais de 270 casas; em 1789, possuía 400 pessoas, em 1817, possuía 154 indígenas e, em 1853, possuía 620 índios) e para a destruição das construções como decorrência da enchente de 1792” (Batista, 1992, p. 70/71).

Chegamos em Cabrobó por volta das dezenove horas do dia 26 de junho. Como estávamos bastante cansados, fizemos um breve passeio pelo perímetro urbano e resolvemos dormir mais cedo.

No dia seguinte, por indicação de moradores locais, fomos procurar o Senhor Gildenor Pires, que era, na ocasião, Secretário de Cultura e Turismo do Município. Este senhor nos recebeu com educação, porém, com evasivas. Não quis gravar entrevista, nem nos forneceu nenhum documento ou fotografia que ajudasse em nossa pesquisa. Ressaltando sempre a sua falta de tempo, nos disse, contudo, da importância de conversarmos com os índios Truká da Ilha de Assunção. Para facilitar o nosso contato com esta tribo, ele nos levou até a ponte sobre o Rio São Francisco, onde nos indicou a entrada para a tribo e retornou às suas atividades.

Os Truká são habitantes da ilha de Assunção desde tempos imemoriais. Sobre eles e o lugar onde estão instalados, Batista nos informa:

“A ilha tem uma área total de 6000 há, aproximadamente, sendo a maior ilha do rio São Francisco. A população total dos Turká⁷ é estimada pela FUNAI em 900 índios, embora no decorrer do nosso trabalho tenhamos feito uma estimativa diferente. (...) A área identificada como sendo de ocupação imemorial é de 1650ha, estando ocupada parcialmente por posseiros. Como atividades econômicas principais temos a agricultura, com plantações de arroz, feijão, legumes e frutas com vistas à produção de um excedente comercializável e que serve para o abastecimento do mercado das cidades mais próximas, como Cabrobó, Orocó, Belém de São Francisco” (Batista, 1992, p. 01).

A entrada na tribo Truká deu-se por volta de nove horas. Seguimos apreensivos e curiosos por saber como seríamos recebidos pelo grupo. Fomos recepcionados por Ailson, filho da Dona Lurdes, chefe da tribo. Através do Ailson e enquanto aguardávamos a resposta se seríamos recebidos por sua mãe, ficamos ouvindo um pouco da história deste grupo e conhecendo alguns objetos feitos por eles próprios, como: colares, pujá, atavi, entre outros objetos usados em seus rituais, principalmente no toré.

A resposta a nossa solicitação chegou de forma positiva, de modo que não só entrevistamos Ailson e dona Lurdes, como também seu esposo, que era, na ocasião, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabrobó. Tivemos oportunidade, também, de conhecer Dona Rosa, a índia mais velha da tribo, que contava, em junho de 1998 com 91 anos, e estava completamente lúcida. Almoçamos, com a Dona Lurdes e seus familiares, carne de bode cozida, farofa, feijão de corda e arroz. Todos os componentes da refeição, por eles servidos, era fruto do trabalho da tribo e foi produzido na própria ilha. Mas nosso prêmio maior naquele dia foi obtermos autorização para assistir e registrar o Toré.

“O Toré entre os Turká é também chamado de “Folguedo dos índios”. Na compreensão do grupo este ritual é encarado enquanto uma diversão ou festejo típico dos “Caboclos” e consiste numa reunião de um grupo de dançadores, cantores e assistentes, que se reúnem num local aberto, com o objetivo de “se divertirem”

(...) A dança consiste numa coreografia variada, indo da simples marcação de uma batida com o pé direito e o arrastar do pé esquerdo, deslocando-se o corpo para o lado até trocar-se de posição com o parceiro do lado, até operações mais complexas, onde os dois se abaixam, se levantam, batem o pé direito e vão puxando sua fileira para o final, de forma a se constituir uma evolução sincronizada” (Batista, 1992, p. 173/177).

A música é acompanhada apenas pelo som do maracá e das fortes pisadas dos participantes. Neste rito ficou evidenciada a animação dos mais velhos da tribo que dançaram e beberam durante todo ritual que se prolongou das dezenove as vinte e duas horas. Do mesmo modo ficou confirmada, a autoridade do pajé que se manteve à frente deste cerimonial, em todo os momentos.

O “Particular” é um outro ritual praticado pelos Truká, tendo como elemento de destaque a Juremeira que, segundo Dona Lurdes, faz parte dos “incantos”.

“Iniciamos com uma descrição do que vem a ser um particular ou Auricuri, ou ainda uma Cienciazinha. Como elemento de maior destaque encontra-se a “juremeira”, bebida primordial para este ritual. Ela é obtida através da efusão da casca da raiz Jurema, que foi arrancada com antecedência, acompanhada de orações (padre-nosso, ave-maria e invocações) e uma vela acesa. Este foi o único momento vedado a observação da pesquisadora, pois foi dito que nenhum não-iniciado tem permissão para assistir a este momento, quando se pede o consentimento da árvore, para a retirada de uma de suas muitas raízes.

Existem muitos tipos de Jurema, mas só uma árvore de Jurema, serve, pois ela traz a força e o conhecimento necessários aos seus seguidores. Este tipo especial de Jurema tem estas qualidades porque é o sangue de um índio morto. A jurema que serve é lisa, sem espinhos e branca.

Depois de arrancada a raiz, se for para ser utilizada nos próximos dias, torna-se a enterrá-la, perto do local onde irá ocorrer o Particular, todas as pessoas envolvidas, deverão orar e rogar aos seus “espíritos protetores” que tudo ocorra bem e que aqueles que lhes querem fazer mal sejam afastados. Algumas horas antes do início... já que todos são caboclos da ilha “(Batista, 1992 p. 189).

Apesar de sabermos da existência de remanescentes indígenas na Ilha de Assunção, em Cabrobó, não imaginávamos que o nosso contato tivesse um desfecho tão interessante. Para nós foi gratificante conhecer e entrevistar os índios Truká, assim como, compartilhar do toré, que contou com a participação de adultos e crianças, e dele fazer imagens fotográficas e em vídeo, além de entrevistá-los⁸.

A história dos Truká integra um conjunto de lutas pela retomada das terras indígenas no Brasil. São eles, portanto, um exemplo da resistência pela posse da terra, especialmente da terra indígena no Nordeste brasileiro, sobre a qual Spix e Martius já afirmavam no século XIX:

“quando os colonos europeus se espalharam da Bahia para a província do Piauí entre os anos de 1674 e 1700, e, mais tarde, nos princípios do século passado começaram a viajar de M. Gerais pelo Rio São Francisco abaixo, foram fundadas diversas missões à margem deste rio, pelos franciscanos, da Bahia. Os pontás e maçaracás foram aldeados em Juazeiro, na Vila Real de Santa Maria, na Vila de Nossa Senhora da Assunção e em Cabroró [*sic*]; os chucurus, em Orobó. Todavia,

não tiveram essas tentativas de civilização um êxito feliz, e, quase todos os índios morreram, ou então se misturaram com portugueses e mestiços” (Spix e Martius, 1986, p. 216).

Mestiços, caboclos, aldeados e índios do sertão, assim é que os Truká se reconhecem e buscam reconstruir sua história e lutar pelos seus direitos. De posse de documentos que os identificam enquanto aldeados da ilha de Assunção, retomaram a luta pela terra, por várias vezes iniciadas por seus ancestrais. Com o Toré e o Particular, eles reafirmam a sua identidade indígena, fazendo emergir relações esquecidas que traduzem-se, segundo (ARRUTI, 1995) “num intenso reencantamento do mundo.

Sobre os índios Truká, podemos afirmar que eles nos deixaram lições de cidadania que merecem ser retomadas a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo o que vimos e de algum modo registramos no decorrer dos onze dias que viajamos “pelos sertões” queremos destacar algumas questões consideradas relevantes.

No decorrer das entrevistas, observamos que todas as pessoas, ao tentarem definir o “sertanejo”, usaram os vocábulos: força, coragem e resistência; e a maioria citou a frase do escritor Euclides da Cunha: “**o sertanejo é, antes de tudo, um forte**”. Para o conjunto dos entrevistados ao contextualizar a figura do sertanejo em seu *habitat*, prevaleceu a questão da seca, da caatinga. Contudo, nem todo sertão é seco, nem todo homem que habita áreas secas denomina-se sertanejo. Assim posicionou-se o Sr. Jorge Menezes, da cidade de Monteiro, situada numa das regiões mais áridas do Estado da Paraíba: “o sertão é depois de Soledade”... “aqui não tem o faxeiro, o xique-xique”... “aqui não é sertão”. O sentimento de ser “caririzeiro” está para além de ser “sertanejo”?⁹

As palavras “força” e “resistência” marcaram sobremaneira todos os depoimentos, independente do grau de instrução dos entrevistados e da sua condição social.

No conjunto dos trabalhos de campo aqui relatados, muitos foram os aprendizados. A partir deles é possível afirmar que é no confronto que o sertão, enquanto experiência histórica concreta, e o sertão na literatura materializam-se. Às vezes, mas nem sempre, estes sertões se encontram. Às vezes, o sertão particulariza-se, às vezes universaliza-se. Por vezes, vira estereótipo – sertão semi-árido. Mas, por vezes, contesta a identidade que lhe é atribuída, estranha-se consigo próprio, como ocorreu no Cariri Paraibano.

Em muitos momentos, o sertão ufana-se da sua coragem, da sua força, como ocorreu com os Truká, considerados, no discurso histórico, remanescentes dos Tapuias, bravos índios do sertão.

No campo, ao observar a forma dos sertanejos se perceberem e se auto-denominarem, fomos entendendo que o uso e a aplicação das noções “sertão”, “sertões” é para eles, bem menos complexa

do que revela a literatura especializada. Se a coragem e a resistência são por eles próprios exaltadas, vinculando-se tais atributos a sua identidade, a uma particularidade a si reivindicada, esta se demarca especialmente no isolamento, na exclusão. O sertanejo reivindica a si uma caracterização, tendo sempre no horizonte a ausência. É a ausência do recurso para produzir, a ausência da técnica, a ausência do saber erudito, entre tantas outras ausências registradas em suas falas. *Isolamento e ausência conjugam-se e confrontam-se com a coragem, a resistência, a hospitalidade, a perseverança. Assim é que se vê o sertanejo.*

Desta representação de si mesmos é possível dizer que, neles, o ser e o tempo conjugam-se, oscilando de uma identidade de dentro às outras identidades a si atribuídas no processo de construção-reconstrução da cultura.

De tudo o que vimos e sobre tudo o que refletimos, vale ponderar: há quem considere que o trabalho de campo é “um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários, que andaram antes pela mesma área ou região” (Da Matta, 1993, p. 143). A experiência vivenciada possibilita discordarmos desta afirmativa. Fazer campo é, essencialmente, um modo de enriquecer, contestar e dialogar com a visão dos cronistas viajantes, historiadores, missionários, e de construir novos dados necessários às pesquisas. Por isso, esta prática mobiliza uma gama de pesquisadores de diversas áreas que a ela recorrem com a finalidade de, parafraseando Geertz, trazer “de lá”, aspectos relevantes da realidade¹⁰ e, assim, redimensionar suas pesquisas. Contudo, para que isso ocorra, faz-se necessário relativizar a importância do método, impedindo-o de transformar-se em “mordaca”. No campo, as questões apresentadas foram diversas e de diferentes formas elas estão presentes no conjunto de depoimentos citados. Impossível seria conceder a voz a todos os que entrevistamos, ou com as quais conversamos informalmente ao longo dos trabalhos de campo realizados. Por isso, elegemos alguns depoimentos, visando fundamentar o roteiro de pesquisa percorrido. Neste roteiro destacamos, de forma especial, os depoimentos dos Truká da Ilha de Assunção.

Referências

AQUINO, Aécio Vilar de. A ocupação do interior da Paraíba. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**, João Pessoa, v. 25, p. 32-46. 1991.

ARRUTI, José Maurício Andion. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n 15, jan./jun. 1995.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **De caboclos de Assunção a índios Truká**. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Cardoso, Ruth. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;

Collier Junior, John. **A antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973;

Da Matta, Roberto. Trabalho de campo In: **Relativizando**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **As oficinas ou charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1995.

GODOLPIM, Nuno. A Fotografia Como Recurso Narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre-RS: ano 1 n. 2, 1995;

GUIMARÃES, Fábio M. S. **Divisão regional do Brasil**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, 1941.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira-PB**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOURA, Margarida Maria. Testemunho de Um Trabalho de Campo: Matéria-prima do Texto. São Paulo, **In-Fólio** n. 06 (Boletim Informativo de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP), setembro de 1992.

Penna, Maura. **O que faz ser nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações Sobre a Técnica de Gravador No Registro da Informação Viva**. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1991.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Sertão No Plural da linguagem geográfica ao território da diferença**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Terra Camponesa como (Re)criação Genealogia do Lugar e da Paisagem**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de S. Paulo, São Paulo.

SAMAIN etienne, “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre-RS: ano 1 n. 2, 1995;

Sherer, Joanna. Documentário fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n. 3, 1996.

TRAVASSOS, Sônia Duarte. **Fotografia e construção etnográfica**. **Cadernos de Antropologia e Imagem** Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n.3, 1996.

VON SPIX, Johann Baptist, VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. **Viagem pelo brasil: 1817 - 1820**. 4 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 2

¹ Cf. bibliografia deste trabalho.

2 - No campo da antropologia, uma diversidade de pesquisas que discutem o Trabalho de Campo, seja abordando-o em seus aspectos teórico-metodológicos, seja tendo como eixo os relatos etnográficos e as discussões acerca do uso da fotografia, foram de grande relevância para este trabalho. Entre eles destaque: (Godolpim, 1995); (Samain Etienne, 1995); (Da Matta, Roberto, 1993);

(Zaluar, Alba 1988); (Collier Junior, John, 1973); (Sherer, Joanna 1996); (Travassos, Sônia Duarte 1996) conforme consta na bibliografia final deste trabalho..

3 - As instituições por nós elencadas anteriormente a viagem com o objetivo de, no campo, estabelecermos contato e obtermos informações sobre o sertão, foram: o IBGE, as IES, as Bibliotecas Públicas, as Casas de Cultura, as Prefeituras Municipais, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e os Museus. Nos propúnhamos também a procurar grupos de danças folclóricas, pessoas idosas ou estudiosos comprometidos com o registro da cultura local.

4 - A partir de agora e, tratando-se especificamente desta parte do relato, farei uso do pronome pessoal na primeira pessoa do plural, fazendo jus à participação, neste trabalho, de Edinilza Barbosa; Martha Priscilla Pereira Bezerra e Williams Guimarães todos três graduados pelo curso de geografia da UFPB e atualmente mestrando. As duas primeiras, em geografia pela UFPe e o terceiro, em geologia, pela UFRN.

5 - Em Petrolina, redefinimos o roteiro de viagem. Conforme proposta esboçada anteriormente, iríamos até Oeiras, no Piauí, mas, por recomendações das várias pessoas e instituições com as quais nos informamos, resolvemos mudar o nosso percurso uma vez que todos nos alertaram acerca das precárias condições da rodovia e sobre a violência praticada contra pessoas e automóveis.

6 - Além das fontes já citadas fomos buscar as informações complementares a este relato em livros, panfletos, artigos, notas, teses e depoimentos obtidos no decorrer do Trabalho de Campo. Estas fontes estão citadas de forma direta ou indireta. Também fundamentam e ilustram este relato as informações e fotografias obtidas no Trabalho de Campo.

7 - Em conversa com a antropóloga Mércia Rejane, em outubro de 1998, ela afirmou que a denominação Turká, ao invés de Truká, mantida por ela em sua pesquisa de mestrado, deu-se em respeito à forma como os índios pronunciavam o nome da tribo antes da chegada de FUNAI para delimitação da área. Vale salientar que manteve a denominação Truká, porque os próprios índios a quem entrevistamos, assim se autodenominaram.

8 - Dada a riqueza do depoimento obtido, por meio da entrevista concedida por Dona Lurdes, com a participação do seu filho Ailson e de seu esposo o Sr. Wlisses, esta entrevista passou a constituir um anexo a tese já mencionada.

9 - “Sertanejo é quem é do sertão, da serra do Teixeira pra cima. Não sou sertanejo, sou caririzeiro, somos sertanejo para o povo do Brejo”. Depoimento de um camponês do Distrito de Ribeira - PB. Citado em MARQUES, Marta Inez Medeiros. O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira - PB. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 1994, p. 09.

10 - Falo de realidade, não como algo objetivado, dado, mas da realidade como representação e desta como realidade de múltiplos sentidos.